DEIXA DOER E LIVRE-SE DAS DORES: UMA ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE O CORPO EM TRABALHO E O TRABALHO DO CORPO EM TEMPOS DE PANDEMIA

DEJA QUE DUELA Y DESHAZTE DEL DOLOR: UN ANÁLISIS DEL DISCURSO SOBRE EL CUERPO EN EL TRABAJO Y EL TRABAJO DEL CUERPO EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Carolina Fernandes[1]

RESUMO
Este artigo busca compreender, através da Análise do Discurso e sua articulação com o Materialismo Histórico, a relação entre corpo, trabalho e discursos sobre a dor. O discurso, sendo efeito de sentidos, toma o "corpo" como *materialidade discursiva,* este funciona, assim, como motor da força de trabalho e lugar de inscrição da subjetividade. Em uma perspectiva materialista de análise do discurso, trabalho é a prática discursiva e econômica que engendra o sujeito e seu corpo, individualizando-o e determinando-o histórico, social e ideologicamente. Este artigo analisa como a Formação Discursiva (FD) *Fitness* produz sentidos para a dor corporal, afetando as relações do sujeito com seu corpo enquanto objeto de valor de troca da força de trabalho. A partir das análises, observa-se que há duas posições-sujeito divergentes a respeito da administração da dor dentro da mesma FD, o que revela a subordinação do sujeito e de seu corpo à sua condição imprescindível de sujeito-trabalhador.
PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Corpo. Trabalho. Formação Discursiva *Fitness*.

RESUMEN
Este artículo analiza, a través del Análisis del Discurso y su articulación con el Materialismo Histórico, la relación entre cuerpo, trabajo y discursos sobre el dolor. El discurso, por ser efecto de sentidos, toma el "cuerpo" como materialidad discursiva, funciona así como motor de la fuerza de trabajo y lugar de inscripción de la subjetividad. En una perspectiva materialista del análisis del discurso, el trabajo es la práctica discursiva y económica que engendra al sujeto y su cuerpo, individualizándolo y determinándolo histórica, social e ideológicamente. Este artículo analiza cómo la Formación Discursiva (FD) *Fitness* produce sentidos para el dolor corporal, afectando las relaciones del sujeto con su cuerpo como objeto de valor de cambio para la fuerza laboral. A partir del análisis, se observa que existen dos posiciones de sujeto divergentes en cuanto al manejo del dolor dentro de una misma FD, lo que revela la subordinación del sujeto y su cuerpo a su condición esencial de trabajador-sujeto.
PALABRAS CLAVE: Sujeto. Cuerpo. Trabajo. Formación discursiva *Fitness*.

[1] Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Mestre em Estudos Linguísticos pela mesma instituição. Licenciada em Letras Português-Francês pela Universidade Federal de Santa Maria. É docente do curso de Letras na Universidade Federal do Pampa e do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas. Suas pesquisas integram o campo da Análise do Discurso e suas interfaces, focalizando o estudo do discurso pedagógico e da análise discursiva de imagens. É líder do *Grupo de Pesquisa Estudos Pecheutianos* que reúne membros de diferentes instituições de ensino superior, e membro do grupo de Pesquisa *Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento* (UFRGS). É tutora do Programa de Educação Tutorial PET-Letras, campus Bagé.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

Considerações iniciais

Com o advento da pandemia de COVID-19 pelo mundo (o Novo Coronavírus descoberto em dezembro de 2019), medidas de isolamento social tiveram de ser adotadas como meio de prevenção, o que, mesmo com flexibilização no caso do Brasil, levou muitas pessoas a abandonarem, pelo menos por longos períodos, as academias, os estúdios de pilates ou outros centros de treinamento que antes frequentavam. Entretanto, o trabalho remoto, ou "de casa", demonstrou ser uma prática laboral[2] altamente prejudicial ao corpo, pela falta de ergonomia e ainda mais pelo sedentarismo favorecido pelo aumento do tempo do corpo em estado de trabalho, muitas vezes, sentado, sem deslocamento. Assim, houve uma expansão no consumo de aplicativos e plataformas de treinos *on line* para adotar práticas alternativas de atividades físicas na tentativa de reduzir os danos ao corpo provocados pela invasão do trabalho no espaço privado.

Este artigo busca compreender, através da Análise do Discurso (AD) e sua articulação com o Materialismo Histórico, a relação entre corpo, trabalho e discursos sobre a dor. Nessa perspectiva teórica, o discurso, como efeitos de sentidos, toma "corpo", isto é, se materializa, em textos verbais e não-verbais, como no caso do corpo do sujeito que é constituído pela ideologia e afetado pelo inconsciente e pela cultura. Assim, o corpo como inscrição do sujeito não é visto como massa orgânica propriamente dita, mas como *materialidade discursiva*, isto é, "o resultado de um processo de construção que se dá pelo discurso e no discurso" (LEANDRO-FERREIRA, 2013, p. 104). Segundo a Análise do Discurso de filiação pecheutiana, o corpo é materialidade do discurso e do sujeito, pois dá forma à sua subjetividade. A relação do corpo com a dor também é construída, o que se pode suportar e o que não pode, que trabalho provoca a dor dita "boa", que trabalho faz da dor ser motivo de incapacitação do sujeito-trabalhador.

A aparente contradição entre os enunciados "Deixa doer" e "Livre-se das dores" remete aos processos discursivos de produção de sentidos sobre o corpo dentro da Formação Discursiva que estou designando de *Fitness*[3]. Esses enunciados são frequentemente reproduzidos dentro da plataforma "Queima diária" com mais de 375 mil de assinantes, a qual

[2] Neste trabalho, não farei a distinção elaborada por Arendt ([1958] 2001) entre labor e trabalho, tratando, então, ambos como sinônimos.

[3] A palavra vem do idioma inglês que remete à prática de exercícios físicos para melhorar o condicionamento físico e dar ao corpo uma "boa forma". O termo "fit" (em forma) tem sido usado como sinônimo de algo saudável, como nas buscas de receitas: "bolo fit de laranja", por ex. Assim, tudo que está relacionado ao campo discursivo de "*fitness*" diz respeito à regularidade na prática de atividade física, comida saudável ou menos calórica, tudo que possa remeter a um modo de vida considerado saudável.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

sofreu uma expansão abrupta no período de pandemia, o que provocou o interesse da rede de academias *Smart Fit*, que passou a investir nos aplicativos (apps) para suprir a perda de mais de 40 por cento de frequentadores no ano de 2020. Considerando que o Brasil é o segundo país no mundo em número de academias, essa expansão do mercado de treinamento virtual cresceu em mais de 700 por cento[45], e conta com treinos aeróbicos, de pilates, entre outros treinamentos de tonificação, fortalecimento e até de meditação e *yoga*. "Deixar doer" se refere aos músculos em processo de fadiga muscular decorrente à repetição extenuante de exercícios físicos, já "livrar-se das dores" diz respeito às dores do corpo que passou por horas em certa posição ou movimentos repetitivos no trabalho fora da plataforma. Esse último geralmente é enunciado nos programas de pilates e recondicionamento. Há uma produção de sentidos positivos para certa dor e negativos para outros, significa que a "dor boa", como dizem os *personais trainers*, deve ser a dos músculos em tonificação e crescimento, já a dor "ruim" é aquela da má postura, da ergonomia inadequada. Essas formas de discursivizar a dor do corpo remete, no meu entender, a duas formas de relação do corpo com o trabalho: o trabalho do corpo e o corpo em trabalho.

Nesta análise, discutirei sobre o discurso da dor no trabalho do corpo, ou seja, aquela prática cuja força laboral incide sobre o corpo do próprio trabalhador e este se coloca como o produto de valor de seu trabalho, em contraposição à dor do corpo *em* trabalho, ou seja, o corpo que se coloca a serviço da prática laboral, não sendo resultado direto desta, mas atuando como o motor da força produtiva. Para isso, efetuei dois recortes discursivos[6] que trazem postagens e falas de duas influenciadoras digitais: Carol Borba e Monica Apostolo, a Monikita. Ambas produzem treinos *on line* e programas para a plataforma "Queima Diária", além de promoverem seu trabalho nas redes sociais através de seus perfis comerciais.

Em uma perspectiva materialista de análise do discurso, trabalho é entendido como ação de "ocupar um lugar social" na divisão social do trabalho, e assim "estar em uma relação de forças de dominação/subordinação na ideologia" (GARBIN, 2016, p. 199). Nesse estudo, entendo que trabalho é a prática discursiva e econômica que engendra o sujeito e seu corpo, individualizando-o e determinando-o histórico, social e ideologicamente. A partir dessa discussão, busco analisar como a Formação Discursiva *Fitness* produz sentidos para a dor,

[4] https://medium.com/aela/trabalho-remoto-quais-as-perspectivas-durante-e-pós-pandemia-72f454566c52

[5] Mais informações: https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/empresas/noticia/2021/01/16/treinos-on-line-explodem-na-quarentena-e-mercado-de-academias-deve-bombar-apos-a-pandemia.ghtml

[6] Segundo Orlandi (1984), recorte é um fragmento de linguagem e situação comunicativa que produz uma unidade de discurso conforme os objetivos da análise.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

afetando as relações do sujeito com seu corpo enquanto objeto de valor de troca da força de trabalho.

Sujeito e corpo para a Análise do Discurso

O sujeito não é entendido na Análise do Discurso (AD) como um ser biológico, mas um "efeito de linguagem", afetado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente. É nessa dupla constituição que o sujeito discursivo é *sujeito desejante* e *ideológico* que produz discurso pela linguagem (efeitos de sentidos) ao mesmo tempo em que é produzido, ou segundo Pêcheux ([1968] 2009), sujeito e sentido se constituem mutuamente, e isso ocorre pela articulação da língua com a história. Dessa forma, não considerarei as profissionais cujo discurso trazemos à análise como indivíduos empíricos, mas como representantes de um lugar social, de trabalhadoras do mercado virtual, e identificadas com o sujeito histórico que reproduz o discurso da Formação Discursiva *Fitness*.

Para compreender esse sujeito ideológico é preciso entender de que forma a AD conceitua *ideologia.* Essa noção funciona na produção de evidências de sentidos, é um mecanismo que permite a relação imaginária do sujeito com sua real condição de existência, dando-lhe a impressão de ser dono do seu dizer, de poder ser livre para escolher, opinar, tomar livremente posição. No caso em análise, a relação entre corpo e trabalho não é transparente mas funciona pela ideologia como se fosse, produzindo imaginários que dissimulam a opacidade do corpo e lhe confere um efeito de sentido único que naturaliza sentidos, como considerar a dor do treino físico boa ou que o trabalho braçal exaure mais o corpo que o trabalho intelectual, por exemplo.

A Análise do Discurso pressupõe um real da língua impossível de ser atingido e que produz "furos", fazendo a língua escapar pelo equívoco. O furo ou a falha é considerada por Leandro-Ferreira (2007) como constitutivo do sujeito, que, assim como a linguagem, faz escapar a ideologia pela contradição e o inconsciente pelos atos falhos, chistes etc. A falha é o que permite ao sujeito resistir às determinações históricas e ideológicas, podendo transitar por diferentes *posições-sujeito* ou mesmo por *formações discursivas*[7]. É assim que Indursky

[7] As formações discursivas (FD) são, segundo Pêcheux ([1975] 2009, p. 152), as representações na linguagem das *formações ideológicas* (caráter regional ou particular da ideologia), e indicam o que "pode e deve ser dito" no âmbito de cada FD. Nessa obra, o autor (*ibidem*) também define as modalidades de identificação do sujeito com forma histórica do sujeito que regula a FD, podendo ser de três tipo: identificação plena, contraidentificação

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

(2008) caracteriza o sujeito discursivo como sendo *dividido* e *fragmentado*, já que pode desdobrar-se em diferentes posições-sujeito, isto é, pode não romper com a FD em que se inscreve e mesmo assim instaurar um novo modo de dizer/ver dentro desse domínio de saber que constitui sua subjetividade.

Segundo Leandro-Ferreira (2011), como a língua é *forma material* do discurso, o corpo é forma material do sujeito, pois indica seu lugar simbólico de inscrição. "O *corpo simbólico* é marcado pelo *significante* e articulado numa estrutura lingüística (*sic*), onde irá se dar a relação *fala-linguagem-corpo*" (LEANDRO-FERREIRA, 2011, p. 97, grifos da autora), dessa forma há, segundo a autora (*ibidem*), "efeitos do corpo na palavra" e "efeitos da palavra no corpo" revelando como se produz o discurso na relação da linguagem com o corpo, e que junto às determinações culturais produzem e transformam os imaginários sobre corpo.

Nessa perspectiva ainda, Esteves (2014) alerta que não apenas as condições históricas, mas as sensoriais também são determinadas pela ideologia e engendram o político:

> Pensar nos sentidos e sensações sem excluir sua historicidade é perceber que o político, no confronto de sentidos e na disputa pela hegemonia, está em tudo que se refere ao sujeito. A forma como as materialidades linguística, gestual, imagética provocam efeitos de sentido da sensibilidade, do sabor, do saber é tão relevante quanto um discurso político (ESTEVES, 2014, p. 21).

O autor (*ibidem*) ainda salienta que "[...] nada do sujeito pode ser reduzido a uma casualidade, extraindo-lhe o político e o ideológico". Assim o corpo sendo materialidade discursiva não elimina os efeitos sobre a carne, sobre a matéria orgânica, visto que esta também é impossível de não ser afetada pela ideologia e sua relação material com o inconsciente. Todo discurso é ideológico e determinado pelas condições de produção sócio-históricas e produz efeitos conforme a formação discursiva em que se constitui. Assim, o corpo não é produto individual, de exclusivo cuidado do seu proprietário, mas é também fruto de disputas de sentidos, produto político de discursos conflitantes que estão em constante tensão na sociedade e se transformam pela cultura, mídia, história, posições de classe, de gênero, de raça, e assim, pelos modos de produção capitalista.

Assim, quando um sujeito se alimenta ou se movimenta, ele não o faz sozinho, mas junto a uma rede de sentidos que opera sua constituição ideológica, o faz consumir tais produtos, serviços, o faz exagerar na atividade física ou na alimentação, o faz repetir movimentos incansavelmente para dar conta de uma demanda, mostrar-se produtivo. Tudo isso não se trata apenas de uma escolha pessoal, mas resulta da materialização de discursos

e desidentificação. Estas revelam que o sujeito movimenta sentidos dentro da FD que constitui sua subjetividade bem como em direção para fora desta, rompendo com ela.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

sobre corpo e trabalho forjados pela ideologia dominante a serviço do mercado e da reprodução das condições para a produção capitalista. Assim, a ferramenta-corpo é o que faz o sujeito mover-se e, assim, fazer mover o motor da produção capitalista, e com isso da (re)produção de discursos e de imaginários sobre o uso do corpo e da administração de suas dores.

Corpo e trabalho

Segundo Orlandi (2012, p. 95), corpo "funciona estruturado pelos modos de produção da vida material que condicionam o conjunto dos processos da vida social e política". Essa afirmação me leva a buscar a relação do corpo discursivo com o conceito de trabalho na perspectiva do Materialismo Histórico, que é um dos pilares formadores do escopo teórico da Análise do Discurso. Nesse campo teórico, trabalho é entendido como constitutivo da essência humana[8]: "Ele é visto ontologicamente como sendo uma atividade inerente a todos os indivíduos; uma atividade exclusivamente humana. O trabalho é a fonte da essência humana" (COSTA et. al., 2011, p.6). Segundo Márkus (2015, p. 27): "O trabalho constitui a relação real e histórica entre o homem e a natureza e, ao mesmo tempo, ele determina as relações recíprocas entre os homens, isto é, a totalidade da vida humana". Os seres humanos se diferem dos animais pelo trabalho, por gerirem seus meios de vida. É pelo trabalho que o homem desenvolve suas capacidades e constrói historicamente sua existência social. De acordo com Marx:

> Podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou pelo se queira. Mas o homem mesmo se diferencia dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se acha condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material. (MARX, 1972, *apud* ANDERY, 2012, p. 403).

Assim, o homem está condicionado pelo trabalho a produzir sua própria vida material conforme suas possibilidades, organização corporal, e não muito menos por suas vontades. Nos Manuscritos de 1844, Marx defendia que o trabalho era o meio pelo qual o ser humano desenvolvia suas habilidades e capacidades, entretanto com o advento do sistema de exploração capitalista, o sentido positivo para trabalho se perde. Isso porque, no modo de produção capitalista, o sujeito não trabalha com o objetivo de desenvolver-se mas para

[8] Não creio ser producente para a análise que desenvolvo aqui distinguir diferentes fases da construção da teoria de Karl Marx, separando o "jovem" do "maduro" Marx, já que o propósito não é fazer a incursão pelo conceito dentro desse campo específico do saber.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

"sustentar-se", ou seja, para suprir suas necessidades vitais que não podem mais, desde o surgimento da propriedade privada, serem satisfeitas pela caça ou coleta. Segundo Marx ([1844] 2010), no capitalismo, trabalho tornou-se um sistema de troca desigual em que fornece ao empregador a fonte da "mais-valia" (o excedente gerado pelo trabalho do empregado que não é repassado a ele) ao passo que embrutece o trabalhador pela exploração de sua força de trabalho, recebendo sempre valor insuficiente para suprir as necessidades sempre crescentes em uma sociedade mercantilizada. Em suas palavras:

> O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é a atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais (MARX, [1867] 1996, p. 303).

Assim, pelo funcionamento da ideologia capitalista, o trabalho é atividade que produz valor excedente para o patrão e o suficiente para a reprodução da força de trabalho do trabalhador, que se objetifica, já que "longe de poder comprar tudo, tem de vender-se a si próprio e a sua humanidade" (MARX, [1844], 2010, p. 28). Para Marx (*ibidem*), o trabalhador está alienado dessa relação desigual, não se percebendo como a própria mercadoria de seu trabalho. Segundo Orlandi (2012, p. 216), interpretando Marx: "O capitalismo é uma relação social constituída historicamente, caracterizada pela compra e venda da força de trabalho, uma relação entre proprietários dos meios de produção e o proprietário da força de trabalho". E ainda dentro da perspectiva da Análise de Discurso (AD), Garbin (2017, p. 12) define trabalho como "o lugar prático do sujeito na formação social", constituindo-se como uma *contingência* e não uma *essência*, ou seja, funciona como uma prática discursiva que determina os sujeitos e suas condições de existência. Logo, a relação entre estrutura social, política e produção é determinada pela divisão social do trabalho que gerencia as relações de produção, o que determina os lugares sociais, as posições de classe e, por fim, o que pode ou não o sujeito se é trabalhador ou proprietário do capital.

Pelas condições de sua existência, o sujeito é condicionado a trabalhar e tal interpelação, segundo Garbin (2016, p. 200) também acontece pelo corpo, já que "Há uma relação fundamental entre sujeito e trabalho, que acontece no sujeito por meio do corpo." A relação do trabalho com o corpo do trabalhador é abordada por Marx através do processo de exploração, como observa Herold Junior (2008):

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

> Marx (1994) analisa que o ponto central da exploração capitalista se dá no consumo da força de trabalho, uma mercadoria "especial" que possui a capacidade de produzir valor. A dialética entre trabalho concreto e trabalho abstrato, seguida por Marx na construção histórica da classe trabalhadora como vendedora de sua "pele", é a base para explicar o fato de uma exploração dar-se com a aparência de uma relação juridicamente equânime. HEROLD JUNIOR, 2008, p. 102, grifos do autor)

Marx ([1867] 1996) explica que a alienação do trabalho diz respeito ao trabalhador não ter como usufruir o objeto que produz, já que deve fornecer a mais-valia ao dono dos meios de produção desse produto (produto ou serviço). Assim, o processo do trabalho está ligado à exploração da mão-de-obra que se traduz pela exploração concreta da força de trabalho por demandar o empenho dos corpos dos trabalhadores a usarem sua força vital para a acumulação de capital.

> Soma-se a isso o incontornável fato de que, na atualidade, formas avançadas e arcaicas de exploração do trabalho combinam-se, fazendo com que diferentes 'corpos no trabalho' existam e possam ser pensados através de diferentes representações. (HEROLD JUNIOR, 2012, p. 31).

Entendemos que, seja no trabalho manual seja no intelectual, o sujeito deve colocar seu corpo em posição de trabalho, seja para mover seus membros na operação de uma máquina, para carregar mercadorias, seja para permanecer sentado em frente a um computador, utilizando da visão sobre uma tela luminosa. Mesmo em um trabalho que se utilize exclusivamente do intelecto, projetar um programa de computador por ex., é preciso que o trabalhador se poste diante de uma tela por várias horas. Movimentos repetitivos ou mesmo a falta de movimentação do corpo trazem consequências ao bem-estar do trabalhador, por isso o discurso em prol dos direitos trabalhistas defende a ergonomia no trabalho, redução da carga horária, horas de intervalo ou dia de folga, entre outros benefícios. E as condições de trabalho se precárias ou não-adequadas podem provocar efeitos permanentes na estrutura corporal: doenças de pele pela exposição ao sol ou a produtos químicos, distrofia muscular, curvatura da coluna, desgaste da visão, entre outros. Percebe-se, então, a exploração do corpo no trabalho como uma ferramenta vital, indispensável, mas que precisa de atenção, cuidado para manter-se produtivo.

Na perspectiva materialista, o corpo em sua relação com o trabalho não é percebido como organismo vivo, embora não deixe de sê-lo, porém a abordagem discursiva o remete a seu valor simbólico, no que tange ao discurso como "valor ideológico", mais que valor de uso ou de troca. Assim, o trabalho do corpo é entendido aqui como força produtiva que incide sobre si na produção do corpo como mercadoria, valor de troca. Isso não significa que o

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

trabalhador literalmente venda seu corpo, mas pode vender sua energia ou sua imagem como objeto de desejo de outrem, a imagem a ser imitada, de um corpo ideal a ser conquistado pelo uso dos mesmos produtos ou serviços. O corpo-mercadoria resultado de um trabalho do corpo sobre si não parece representar a exploração do trabalho, já que o valor agregado ao corpo trabalhado é de posse do próprio proprietário do corpo e da força de trabalho nele exercida. Essa aglutinação "corpo-mercadoria" remete a uma transformação das condições de trabalho na atual conjuntura histórica.

No Brasil, país de economia predominantemente agrária e de industrialização tardia, faz-se do corpo magro, forte, ágil, o imaginário do corpo mais adequado à produção de valor, sobretudo quanto ao trabalho braçal ou mesmo na prestação de serviços, modos de produção do proletariado brasileiro. As condições históricas vão transformando essas relações de produção assim como alteraram as relações sociais. Atualmente, os meios de comunicação impulsionados pela *internet* fazem com que as relações sociais se deem de modo mais expressivo nas "redes", ou seja, através de *sites*, redes sociais, aplicativos e plataformas que difundem imaginários e estereótipos sociais a milhões ao mesmo tempo. Os modos de produção capitalista sofrem alterações operacionais (conforme as novas técnicas e tecnologia adotadas ou demanda social atual), mas mantêm a reprodução das relações sociais dominantes na sociedade brasileira.

Deslocando o conceito para a Análise do Discurso de filiação materialista, Eni Orlandi (2012, p. 217) define *trabalho* como "parte do modo de individu(aliz)ação do sujeito" pelo Estado, isto é, uma "determinação individual específica" (*ibidem*, p. 220) que lhe confere um lugar de significação em certa formação social (posição-sujeito que se relaciona de modo específico com a formação discursiva em que se inscreve). Essa determinação pelo Estado, por meio dos Aparelhos Ideológicos de Estado, sofre alterações conforme mudam as condições históricas de produção capitalista. Nota-se que, quando Marx analisa a situação do operário na fábrica no Capitalismo Industrial do Século XIX, não imaginava o sujeito trabalhando em sua casa para "produzir conteúdo" em rede social. O contexto de mundialização, consumo desenfreado e novas condições de trabalho produzem novas formas de individualização dos sujeitos da era digital.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

A migração do trabalho presencial ao trabalho remoto[9] a princípio foi tomado como uma alternativa para a continuidade das atividades durante o isolamento social. A expressão "trabalha *de* casa" surgiu para se diferenciar do "trabalha *em* casa", já que a preposição "de" indicando o lugar de onde se trabalha produz o efeito de um estado provisório, seu local de trabalho não é "em casa", mas está sendo momentaneamente. Assim, trabalhar por meio do computador ou do telefone fez com que os trabalhadores ficassem muito mais tempo sentados, e sentados em posturas inadequadas, pois estão ora na cadeira, ora no sofá de casa, ora na cama. Com o tempo, foi necessário investir em produtos para tornar seu *home office* mais confortável como cadeiras mais cômodas, computadores mais potentes, suportes para pés, entre outros aparelhos, além dos serviços *on line* de práticas de atividades físicas. A rotina familiar e privada foi invadida pelo profissional, não havendo mais a distinção entre o que é período da jornada de trabalho e o que é hora de descanso. O resultado são fadiga[10], esgotamento físico e psicológico pela pressão por estar em casa e ter que "mostrar serviço".

E o que se esperava que fosse uma condição provisória, já está se tornando uma tendência a ser adotada permanentemente nas empresas, mesmo que seja em modo híbrido, por reduzir os custos com infraestrutura e por aumentar significativamente a produtividade, já que o trabalhador já não perde mais tempo se deslocando para o trabalho e, assim, pode dedicar mais tempo à realização de suas atividades em horário flexível. O problema da flexibilidade é a transposição dos limites. Não há mais "ponto a bater" assim como não há horário para expediente, o trabalho só termina quando já não há mais tarefas para cumprir, o que pode ser extenuante para o trabalhador.

Embora instigante não tratarei, neste texto, das condições de exploração do corpo no trabalho, mas pensar como essa subordinação do corpo ao trabalho produz demandas ao próprio mercado, gerando a oferta de serviços como os de treinos e recondicionamento físicos *on line*. Este texto apresenta como motivação a própria condição de quem o escreve, estando em trabalho remoto por mais de um ano, sentindo no corpo o cansaço da imobilidade diante da tela, os olhos ardidos, a dor nas costas, nos ombros, na cabeça. É uma reflexão teórico-analítica que faço sob a pressão em manter a produtividade mesmo em tempos difíceis. A casa que vira sala de aula, sala de reunião, o corpo que se posta à tela de um computador o dia todo, com pequenas pausas, com poucos movimentos. A angústia do labor cibervisionado e

[9] Disponível em: https://medium.com/aela/trabalho-remoto-quais-as-perspectivas-durante-e-pós-pandemia-72f454566c52

[10] Sobre esse assunto: https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/trabalhar-de-casa-durante-a-pandemia-tem-causado-sobrecarga-nos-trabalhadores-revela-pesquisa-da-ufpr/

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

descreditado que somatiza em dores e doenças no corpo e na mente. Isso tudo me levou a consumir serviços *on line* de treinamento e de recondicionamento físicos tais quais apresentados nesse texto, a fim de reduzir os danos causados ao corpo e diminuir as dores. Seguimos, então, às análises de dois recortes discursivos.

Recorte 1: a solução para o corpo em trabalho remoto

Segundo o jornal Correio Brasiliense[11]:

> A expressão "dor nas costas" nunca foi tão pesquisada como nos últimos meses no Brasil. Desde o dia 26 de fevereiro, quando o país registrou o primeiro caso de contaminação por covid-19, a busca pelo termo cresceu 76%. O pico foi no dia 26 de abril, de acordo com o Google Trends, o serviço de análise de tendências do buscador. [...] Quem estava acostumado com o ambiente confortável do escritório, rapidamente teve que improvisar um lugar para trabalhar em casa. A maioria foi para a mesa de jantar da sala ou da cozinha, ou adaptou algum outro cômodo para desenvolver suas atividades profissionais.

As atuais condições de produção no trabalho remoto: ambientes improvisados, horas ininterruptas com postura inadequada, indistinção entre os espaços de uso privado e de trabalho (inclui-se o telefone particular que se torna o contato da empresa, não havendo mais hora específica para chamadas), conflito entre as atividades laborais e as tarefas domésticas (sobretudo para mulheres-mães que ficam ainda mais sobrecarregadas). Além disso, com o trabalho remoto, ou usando o termo jurídico teletrabalho[12], há a ampliação da jornada de trabalho, já que o tempo em atividade é regulado pela produtividade, e não mais pela carga horária com direito a pausas, início e fim de expediente.

No campo do comércio, vender mais significa ganhar mais para o "empreendedor" (o antigo trabalhador autônomo) e para o vendedor que recebe comissão por suas vendas. Mas

[11] Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2020/05/12/interna_ciencia_saude,853937/expressao-dor-nas-costas-bate-recorde-de-buscas-no-google.shtml

[12] Para que os empregados pudessem continuar trabalhando nas circunstâncias de calamidade pública, os empregadores se socorreram nas disposições legais do regime de trabalho conhecido como teletrabalho e a Medida Provisória 927/20. É importante saber que o teletrabalho, por ser um regime de trabalho previsto em lei, deve ser precedido de formalização contratual específica (contrato ou aditivo), já o trabalho remoto tal qual adotado provisoriamente não requer formalidades contratuais para ser utilizado e implementado, pois sem o regramento contratual específico do teletrabalho esse só pode ser utilizado eventualmente em situações pontuais, emergenciais ou transitórias, por um curto espaço de tempo. Assim, observa-se que o empregado que está em trabalho remoto está, judicialmente, desassistido. Mais informações em: https://www.youtube.com/watch?v=QHArHfO8zLA

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

no caso do trabalhador da educação, ele não recebe pela quantidade de atividades corrigidas, nem pela quantidade de horas que passa gravando e editando vídeos. Estes sujeitos-trabalhadores tiveram sua jornada de trabalho duplicada sem terem aumento de salário por isso, ou até tiveram salários parcelados e congelados em virtude da crise econômica.

Esse sobrecarga de trabalho leva o corpo do trabalhador a sentir mais dores e a se moldar conforme o modo de vida cada vez mais sedentário. A comida da distração é o que está à vista o tempo todo, só pegar no armário os biscoitos, o bolo, a bebida açucarada, e consumir enquanto trabalha. Para as refeições o que mais se encontra facilmente são os lanches e os *fast foods* que chegam em sua residência a partir de uma mensagem instantânea ou uns cliques em algum aplicativo digital. Assim, é comum ouvir as pessoas dizerem que "engordaram na pandemia", ou ainda falar desse ganho de peso como "efeito pandemia". O isolamento social obrigando academias a fecharem, ou mesmo quando puderam abrir, muitas pessoas não se sentiram seguras a frequentar ambientes fechados, mesmo que usando máscaras, mas suando e com respiração ofegante. Por isso, serviços de treinamentos *on line* cresceram abruptamente para atender a essa demanda de trabalhadores com corpos doloridos ou "engordados", que precisaram se movimentar, mas com distanciamento social para não se contaminar com Coronavírus. Um dos serviços nas plataformas *on line* muito procurado é o de pilates que oferece práticas de alongamentos e flexibilidade corporal com a promessa de acabar com as dores nas costas provocadas pelo trabalho remoto ao mesmo tempo em que modalidades de pilates *fit* ainda prometem perda de peso e aumento de massa magra.

O serviço é oferecido como solução para o problema, embora médicos digam que deve ser avaliado cada caso, que dependendo do que gera dor não se pode apenas fazer alongamentos. Inclusive dores como lombalgia provocada por hérnia de disco podem ser geradas justamente por movimentos incorretos do corpo, entorses e distensões, o que é frequente aos que começaram a praticar exercícios em casa sem acompanhamento profissional e os exageros na pressa em reduzir os danos causados pelo "efeito pandemia". Seguindo os protocolos de treinos em casa, acaba que juntam-se às dores nas costas as dores musculares dos exercícios de fadiga muscular que são consumidos através da mesma plataforma, sejam nos *apps* pagos ou nas *lives* de treinos promocionais ofertados nas redes sociais.

Dessa forma, o "deixar doer", para ganho de massa magra, e o "livrar-se das dores", da má postura, convivem no mesmo campo discursivo da FD *Fitness*, o que nos leva a entender que há duas posições-sujeito distintas indicando diferentes modos de se relacionar com a dor. Aliás, o discurso da relação do sujeito com a dor corporal não é estritamente da ordem médica,

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

mas também cultural, como aponta a reportagem do jornal Brasiliense "Dores nas cotas são o principal motivo de incapacidade para o trabalho no Brasil"[13]:

> O neurocirurgião Luís Claudio Modesto assegura que a lombalgia faz parte da vida do ser humano. Mais de 80% das pessoas com 60 anos ou mais sofrem com o problema. Na faixa etária dos 40, a incidência é de 40%. O médico observa que cada sociedade encara a síndrome de uma forma. Em tribos africanas, o indivíduo só pode fazer parte do conselho de anciões se tiver lombalgia. Nas décadas de 1980 e 1990, a Inglaterra passou por problemas econômicos em decorrência do grande número de afastamentos e aposentadorias precoces provocados por dores lombares. Já na Arábia Saudida, ter lombalgia faz parte de estar vivo. Eles jamais deixam de trabalhar por conta dessa manifestação, aponta.

Observei em reportagens sobre esse assunto que todas traziam dicas de como o trabalhador pode evitar as dores nas costas por ele mesmo, fazendo pequenas pausas, cuidando a postura, fazendo alongamentos, entre outras ações. Mas não se discute uma revisão das condições do trabalho remoto e a oferta pelo empregador dos meios de produção no *home office* e de outros benefícios que contribuem para o bem-estar do sujeito-trabalhador. É o próprio sujeito-trabalhador que é responsabilizado por suas dores. E parafraseando o que diz o excerto mais acima: espera-se que os trabalhadores "jamais deixam de trabalhar" por conta de sentir dores. Então sentir dor e suportá-la faz parte da condição do sujeito-trabalhador, e para melhorar sua capacidade laboral ele mesmo pode mudar seus hábitos e adquirir produtos que o façam gerenciar melhor sua força de trabalho.

Assim surge a demanda social por serviços *on line* de pilates ou recondicionamento físico como os oferecidos por Monica Apostolico, em sua própria plataforma chamada "Monikita *Fit"* ou na plataforma "Queima diária" nos programas: Pilates em casa, Pilates Todo dia, Pilates *Fit*, Pilates *Flex*. Esses programas aparecem na plataforma na categoria "Saúde e bem estar" junto a programas de *Yoga*, meditação e treinos hipopressivos e de alongamentos que foram lançados durante a pandemia. Para análise, trarei postagens da *personal trainer* nas redes sociais, em que ela promove seus treinos.

SD 1:

Nem eu mesma acreditava que existia um remédio assim...
Quando eu dava aulas de ginástica em navio o meu corpo vivia dolorido e por andar bastante de salto a minha condromalácia piorou.

[13] Disponível em https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-e-saude/2009/11/06/interna_ciencia_saude,153013/dores-nas-costas-sao-o-principal-motivo-de-incapacidade-para-o-trabalho-no-brasil.shtml

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

Eu não suportava ter que conviver com as dores, mas foi só quando eu descobri os treinos de flexibilidade que eu parei de sentir as minhas dores.
Bem, falando assim até parece que foi fácil, mas não foi. Para eu conseguir acabar com as dores eu tive que aprender a técnica correta, dedicar tempo e ser disciplinada!
O caminho que eu segui, parecia distante para muitas pessoas e eu sabia o quão ruim era ter que conviver com as dores e por isso eu decidi ajudar quem passa pela mesma dor que eu passei.
Eu criei um método passo a passo, do básico ao avançado para todas as pessoas que querem acabar de uma vez por todas com as dores no corpo.
O meu método SUPER FLEX segue um cronograma de 4 aulas por semana com 15 a 30 minutos cada aula para você ter um corpo mais flexível, soltar suas engrenagens e se livrar das dores.
Acesse: monikitafit.com/superflex ou clique no link na minha bio para você conferir todas as informações sobre o SUPER FLEX e se você achar que é para você estarei te esperando na nossa primeira aula.
Beijooooo[14]

Nessa postagem, a *personal* publiciza seu serviço, argumentando com sua experiência pessoal o valor e utilidade deste para livrar o sujeito-trabalhador de suas dores. A linguagem verbal é trazida junto à imagem de Monica vestida com roupas de ginástica, com as pernas alongadas e braços estendidos para cima. Atravessando a imagem encontram-se os dizeres em letras maiúsculas: "Super *Flex"* e "inscrições abertas". O conteúdo para a prática de pilates *on line* assim é oferecido como a solução definitiva para o problema de dores, e eficiente que em apenas quinze a trinta minutos já pode fazer o corpo superar as horas ininterruptas de descuido com seu bem estar. Nos treinos da plataforma *on line* e nas *lives* ouve-se constantemente "Monikita" dizer durante algum alongamento: "Ai que gostoso! Não é gostoso isso?", "Isso é um carinho que você faz para o seu corpo", "Seu corpo está agora te agradecendo". Essa forma de dizer interpela o sujeito para o engajamento em seus programas, para se comprometer a seguir a plataforma todos os dias (ser disciplinado), consumindo o serviço *on line* por conta da necessidade de manter sua força de trabalho ativa.

Sobre esses produtos virtuais, consideramos junto a Alves (2005) que: "Na verdade, o corpo não se emancipa da disciplina do capital, mas constitui-se uma nova relação psicocorporal que busca preservar um componente essencial das sociedades do capital, sejam elas modernas, ou pós-modernas: um corpo útil, produtivo ou submisso" (ALVES, 2005 p. 422). O corpo se submete a novas formas de exploração como até mesmo a de ficar sentado, e de não se esgotar fisicamente, mas de ter que lidar com as consequências do sedentarismo. E quanto ao corpo da influenciadora digital, este também deve se adaptar ao trabalho remoto, de gravação de vídeos, de produção de conteúdos para as redes sociais, mantendo-se sempre

[14] Disponível em: https://www.instagram.com/p/CMcIlwyHnyi/

Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

magro, com músculos tonificados, dentro da forma padrão, seios firmes com implante de silicone, rosto maquiado, cabelos alisados etc.

O funcionamento discursivo do corpo no trabalho dentro de uma ideologia capitalista reguladora da sociedade de mercado e de consumo é tal qual explica Harvey (2000, p. 153):

> A organização, a mobilização e a canalização dos desejos humanos, o envolvimento político ativo com táticas de persuasão, vigilância e coerção tornam-se parte do aparato de consumo do capitalista, produzindo por sua vez todo tipo de pressões sobre o corpo como sede do "consumo racional", bem como seu agente performativo, para fins de maior acumulação. (HARVEY, 2000, p. 153).

E para acumulação de capital, é preciso intensificar a venda de seu produto, o que se dá nas redes sociais a partir da exposição de seu corpo *fit* e aparentemente saudável, sem dores, onde a *personal trainer* exerce a função de influenciadora digital assim como muitos outros sujeitos-trabalhadores na posição de empresários ou empreendedores que buscam visibilidade na grande disseminação de conteúdos das redes sociais virtuais.

Os diferentes modos de produção também fazem funcionar de modo diferente a formulação e circulação dos discursos, por exemplo, o trabalho de panfletagem na rua funciona de modo distinto das postagens nas redes sociais. O número de panfletos entregues não atinge o número de visualizações da rede social, a nova mídia de massa. Essa limitação é transgredida pelo alcance global que ganha a *internet*. Assim, produzir "conteúdo" para as redes se torna parte do trabalho dos produtores de treinos *on line,* onde devem expor seus corpos sempre "sarados" e prontos para a prática de atividade física. A produção não é como qualquer usuário da rede social que fotografa algo do cotidiano com seu aparelho celular, as fotografias são sempre feitas por profissionais, com produção em estúdio, maquiagem, iluminação adequada etc. Assim, mais uma vez, um espaço que seria para o entretenimento se torna um espaço de trabalho, em que novos seguidores e possíveis consumidores devem ser conquistados.

Recorte 2: o trabalho do corpo para redução de danos

Nesse segundo recorte de análise, trago outra *personal trainer* que usa das redes sociais para promover seus treinos *on line*. Durante a pandemia, o canal no *YouTube* da profissional *fitness* Carol Borba cresceu abruptamente, atingindo mais de 4 milhões de

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

inscritos, estes denominados por ela como "Borbetes" e "Borbers"[15] buscam treinos para rápida perda de pesa e condicionamento físico em casa. A empresária, assim como Monica Apostolo, também desenvolve treinos para a plataforma "Queima diária", onde se encontram seus treinos identificados por *Power* (em inglês pode significar potência, poder, força, ou seja, indica intensidade): *Power HIIT, Power Cardio, Power Combat, Power ABS, Power Tônus, Power Dance e Power Glúteos*, fora os treinos na versão avançada como o *Power Tônus Avanced*. O "power" indica a intensidade elevada do treino, produz o sentido de eficaz, treino potente, que "dá resultado" como diz a *personal* sobre seus treinos. Durante os exercícios, com o objetivo de estimular quem está assistindo ao vídeo a continuar na intensidade do treino, são repetidos os seguintes enunciados. "Não para, só mais um pouco, eu prometo que já vai acabar", "bebe água depois", "depois você descansa", e os exercícios são repetidos com pouquíssimo tempo de intervalo (uns dez segundos) que é para atingir a tal da "fadiga muscular". São quinze a vinte minutos de treino que prometem "mudar" o formato do corpo de quem os pratica diariamente, fotos de antes e depois de consumidoras desses treinos reforçam o efeito de eficácia do serviço quanto ao emagrecimento. A vantagem de adquirir o acesso à plataforma "Queima diária" estaria em, na comodidade do lar, em poucos minutos, com um treino intenso, "conquistar o corpo desejado que remete a "barriga tanquinho", "braço fininho", "bumbum durinho".

No entanto, o resultado da tonificação corporal não pode ser comprovado apenas pelas fotos das usuárias do aplicativo, pois, mesmo com intensidade, o pouco tempo de treino e até mesmo sem o uso de pesos (o que a influenciadora afirma já dar resultado) não surtem o efeito milagroso do sucesso prometido em corpos que passam mais de oito horas por dia em inatividade física. Vale dizer que o corpo de Carla Borba, discurisivizado visualmente como o modelo a ser atingido com os treinos, não serve de parâmetro, tendo em vista que o corpo ali moldado pela prática diária e extenuante de exercícios físicos e de hábitos alimentares regulados resulta de sua força de trabalho, é seu "ganha pão" manter seu corpo em forma. Então, há uma grande diferença entre o corpo da consumidora da plataforma que, em sua distinta rotina profissional, tenta reduzir os danos da vida sedentária e o corpo força e objeto do trabalho de uma profissional *fitness*.

A força de trabalho que "molda" o corpo agrega-lhe valor mas não para o corpo ser o produto, mas para que sua imagem sirva de fetiche para vender o serviço como produto um produto *on line*. Conceitos marxistas de exploração da força de trabalho, mais valia e

[15] https://teovip.com.br/carol-borba/

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

objetificação do trabalhador não funcionam nesse caso, em que o sujeito-trabalhador usufrui de seu produto para seu benefício e ganho próprio.

Seu corpo não é objeto de troca, ele não é a mercadoria, mas ele "vende" a mercadoria que é o serviço de treinamento *on line*. Além dos treinos na plataforma e no *YouTube*, o seu perfil comercial no *Instagram*, disponibiliza treinos diários para seus seguidores acompanharem ao vivo por *lives* junto a postagens sobre os treinos pagos e marcas que a patrocinam. Os treinos *on line* são o produto de seu trabalho, mas não só, todos os treinos gratuitos nas redes sociais, as *lives*, os *stories* do *instagram*, tudo isso é prática laboral que produz o desejo de consumo nos seus seguidores pelo fetiche do corpo perfeito, eis o ponto em que o valor de troca é captado. Sua força produtiva opera para si, para sua própria subsistência e a outros que para ela trabalham.

A *personal* na posição-sujeito empresária pode não ser explorada por outrem, mas não significa que não se exerça sobre ela uma opressão. Aqui não é a opressão direta do patrão sobre o trabalhador, mas o próprio trabalho que explora seu corpo, o submete a dietas e treinos diários sem que ela possa escolher fazer ou não. Enunciados como "não dê desculpas", "foco, força e determinação" fazem eco ao discurso que força o corpo a trabalhar para moldar-se, para conquistar o objetivo da perfeição. Assim, a *personal* não tem opção de postergar o treino, de aproveitar aquela comida da "distração" ou do "conforto" (como doces e outras guloseimas), ela deve ser disciplinada para manter o valor de seu corpo como amostra da eficácia do serviço que oferece. O mesmo podemos observar nos chamados "empreendedores" da pandemia, sujeitos que perderam seus empregos e passaram a realizar alguma atividade laboral para suprir suas necessidades. Esse sujeito-trabalhador não "empreende" por ambição ou por pura inventividade, mas por obrigação de suprir a própria existência, como por exemplo os entregadores ou motoristas de aplicativos. Seu corpo como matéria da força produtiva se entrega ao labor diário até o esgotamento para manter uma venda, uma clientela, para dar conta das dívidas até atingir um excedente que o permita ficar alguns dias sem trabalhar ou consumir algo que deseja além das necessidades básicas de subsistência.

Retornando ao recorte selecionado, observamos que Carol Borba, além de todo o esforço em manter um corpo *fitness* padrão, já se submeteu à cirurgia plástica para atingir o que a FD com a qual se identifica determina como sendo o ideal, soma-se a isso também outros procedimentos estéticos mais simples e muito praticados pelas influenciadoras digitais, como a harmonização facial. A busca por procedimentos estéticos mostra como a *personal*

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

precisa estar com a aparência obrigatoriamente dentro do padrão de beleza para manter seu "sucesso" profissional.

O discurso sobre o esforço que vale a pena também promove o engajamento do sujeito-seguidor, interpelando-o através de um discurso sobre o modo de vida considerado saudável. E para moldar o corpo, é necessário muito trabalho, o trabalho do corpo é na FD *Fitness* exaltado como o único capaz de gerar resultados duradouros, que sabemos não ser permanentes, já que, se deixar de treinar os músculos por mais de uma semana, já se pode vir a sentir a tão temida perda da massa magra. Por isso, os *personais trainers* defendem o treino diário com descanso de um ou dois dias apenas. Na sequência discursiva a seguir (SD 2), observa-se como a *personal* e *influencer* Carol Borba convoca seus seguidores a participarem de um treino ao vivo durante o feriado prolongado. A postagem constitui-se de uma foto da *personal* com roupa de ginástica, barriga de fora, mostrando os músculos definidos e o dedo apontado para frente como que interpelando o sujeito que vê, ao lado da foto é apresentado um cronograma de *lives* com treinos diários de segunda-feira a sábado. E na descrição da postagem é dito o seguinte:

SD 2[16]:

Hoje é feriado, mas seu corpo não sabe disso. Então tem TREINÃO AO VIVO SIIIMM!!!Fizemos a votação do horário e 18h 30 ganhou!! Então espero vcs as 18h 30 aqui no insta. Tá? Salva esse post, e marca as amigas e amigos aqui nos comentários!! quero todo mundo gastando as energias a mais desse feriado prolongado.

A descrição é repleta de *emojis* que reforçam os sentidos de esforço físico para atrair mais atenção. Em SD 2, ela diz: "Hoje é feriado, mas seu corpo não sabe disso. Então tem TREINÃO AO VIVO SIIIMM!!!". Além das letras em caixa alta para destacar a intensidade do trabalho do corpo (o "treinão"), o enunciado é acompanhado de *emojis* que representam um braço forçando o bíceps, o que representaria a força, e uma carinha com suor escorrendo da testa o que mostra o quão intenso é o treino e quanto trabalho dá. Além destes, as figuras que representam comidas calóricas (batatas fritas, hambúrguer e cachorro-quente) junto a carinha de "socorro" e outra chorando de rir dão ênfase ao enunciado "quero todo mundo gastando as energias a mais desse feriado prolongado". Já há um saber preconstruído de que as pessoas "exageram" nos feriados, não se exercitam e consumem alimentos calóricos como se os hábitos saudáveis também estivessem de folga. Assim, com o discurso de "deixe de preguiça", a *influencer* convoca seus seguidores a acompanharem seus treinos mesmo durante

[16] Disponível em https://www.instagram.com/p/CE1Z5fhhzTE/?utm_source=ig_web_copy_link

Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

o feriado, motivando-os através da culpa de ter "exagerado" e, assim, possivelmente não atingir a meta desejada de emagrecimento e ganho de massa magra.

Observo também que treino ao vivo no feriado significa que ela não estará descansando nesse período, e diferente dos seus seguidores que podem estar desfrutando o direito legal de dispensa do trabalho, ela irá trabalhar, para talvez conseguir atingir maior engajamento em suas redes, aproveitando quem está de folga para dar viabilidade ao seu serviço. Então, observamos que "feriado prolongado" produz, em SD2 , o efeito de sentido de não ser desculpa para não se exercitar, no entanto, considerando a relação entre corpo e trabalho, a convocação para o "treinão ao vivo" revela mais que isso, que a *personal trainer* está trabalhando mesmo no feriado. Não é, portanto, apenas o trabalho do corpo para moldar-se, mas o corpo que se posta em trabalho, que mantém o motor do capitalismo em movimento, fazendo girar o capital através de curtidas, comentários, *superchats*, engajamentos e muitas mas muitas visualizações.

Desse modo, é de se notar que a dor corporal causada pelos treinos físicos também não ganha folga. É preciso manter o corpo em trabalho constante para adquirir o "*shape"* perfeito, o formato adequado ao padrão estético aprovado pela FD *Fitness*.

Para encerrar este trabalho

A partir das análises, compreendo que dentro da FD *Fitness* há duas posições-sujeito divergentes quanto à administração da dor corporal, em que uma considera a dor como algo evitável, até mesmo aquela dos exercícios físicos deve ser contida com alongamentos, já para outra posição-sujeito, a do trabalho do corpo, as dores, e lê-se aqui sobretudo musculares, devem ser suportadas, uma vez que fazem parte do processo de tonificação e inclusive devem ser constantemente renovadas para "dar resultado", ou seja, a conquista da compleição física ideal. Ambas posições-sujeito, ainda que promovam formas distintas de administração das dores corporais, replicam o sujeito histórico que representa os discursos sobre o corpo saudável e ideal e não divergem quanto à responsabilidade do sujeito em manter o valor do próprio corpo como força de trabalho.

A sociedade de consumo consome nossos corpos através do trabalho, este como prática indispensável para nossa subsistência determina os sujeitos, seus modos de vida, e em consequência seus corpos. Buscar alento em uma prática considerada saudável surge como uma demanda da ideologia capitalista que coloca no trabalhador, sujeito individualizado pelo Estado, a responsabilidade de manter seu corpo ativo e produtivo.

Revista Língua & Literatura, v. 23, n. 42, p. 68-88, jan./jun. 2021.
Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

Nessa conjuntura, a exploração dos corpos parece se dar pela própria condição incontornável do sujeito-trabalhador de promover a força de trabalho e não mais pelo sujeito-patrão, ou seja, pela necessidade de manter ativo o motor da produção capitalista. Assim, faz-se necessário adaptar o corpo a melhor cumprir com a atividade laboral. Mesmo quando o acréscimo de valor é dado ao corpo do próprio trabalhador que se beneficia diretamente de seu trabalho, este não deixa de ser submisso a ele, moldando sua rotina, seu modo de ser e de viver. O trabalho é que determina como serão nossos corpos: cansados, doídos ou moldados, curvados, eretos, magros ou gordos, podemos reduzir seus danos, mas não podemos evitar seus efeitos, "somos quem podemos ser", diz a letra da música[17], e como podemos ser nas condições em que vivemos, determinados pelo nosso trabalho imprescindível e diário.

Referências

ALVES, Giovanni. Trabalho, corpo e subjetividade: Toyotismo e formas de precariedade no capitalismo. *Trabalho, educação e saúde*, v. 3, n. 2, p. 409-428, 2005.

ARENDT, Hannah [1958]. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2001.

COSTA, César Augusto S. da; VERAS NETO, Francisco Q.; LOUREIRO, Carlos Frederico B. Trabalho, Materialismo e Natureza Segundo Marx e Engels. *Razão e Fé:* Pelotas, n. 13, vol 1, Jan.-Jul./2011, p. 5-13.

ESTEVES, Phellipe Marcel da S. *O que se pode e se deve comer: uma leitura discursiva sobre sujeito e alimentação nas enciclopédias brasileiras (1863-1973).* 2014, 343 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras.

GARBIN, Stefany. R. A máquina no corpo do trabalhador: os autômatos do discurso. Cadernos do IL, 2016.

_____. *Dos sujeitos que se matam de trabalhar para viver*. Trabalho e labor sob a ótica da Análise de Discurso. Porto Alegre, 2017, 115f. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HARVEY, David. O corpo como estratégia de acumulação. In: _____. Espaços de esperança. São Paulo: Loyola, 2000. p. 135-160.

HEROLD JUNIOR, Carlos. Corpo no trabalho e corpo pelo trabalho: perspectivas no estudo da corporalidade e educação no capitalismo contemporâneo. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 10 n. 1, p. 11-35, mar./jun., 2012, p. 11- 35.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: CAZARIN, E. A.; GRIGOLETO, E.; MITTMANN, S. *Práticas discursivas e identitárias*: sujeito e língua. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 9-33.

[17] "Somos Quem Podemos Ser" é música da banda Engenheiros do Hawaii, composta por Humberto Gessinger em 1988.

Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. A trama enfática do sujeito. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Orgs.) *Análise do Discurso no Brasil*: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 101-107.

_____. O discurso do corpo. In: SANSEVERINO, A. M. V; MITTMANN, S. (Orgs.) *Trilhas de investigação*: a pesquisa no I. L. em sua diversidade constitutiva. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2011. p. 90-105.

_____. O corpo enquanto objeto discursivo. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (Orgs.). *Análise de Discurso em perspectiva:* teoria, método e análise. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2013, p. 99-107.

MÁRKUS, György. *Marxismo e antropologia*: o conceito de "essência humana" na filosofia de Marx. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, Karl [1844]. *Manuscritos Econômico-Filosóficos.* Tradução Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *O Capital*: crítica da economia política. Volume I. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultura, [1867] 1996.

ORLANDI, Eni P. Segmentar ou recortar? *Série Estudos*, n. 10, Faculdade Integrada de Uberaba, 1984, p. 9-26.

_____. *Discurso em Análise:* Sujeito, Sentido, Ideologia. Campinas, SP, Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel [1975]. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi. 4. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2009.

Recebido em: 02 fev. 2021 | Aceito em: 05 jun. 2021.